



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

EMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA EM SANTOS: REPRESENTAÇÕES E CONSTRUÇÕES SOCIAIS (1957-1972)

GABRIELA MONCAYO¹

Resumo: Este estudo manifesta o interesse em compreender a relação histórica, social e cultural entre Cabo Verde e Brasil, com base no movimento emigratório cabo-verdiano para Santos. O processo de estudo se deu por meio de bibliografia específica, documentos disponibilizados pelo Consulado Honorário de Portugal em Santos e entrevistas semiestruturadas com cinco cabo-verdianos residentes em Santos. A análise, confrontando as diversas fontes, tem como intento expor os fatos históricos e as relações construídas entre os dois países, considerando inicialmente a busca pelos possíveis precedentes da emigração cabo-verdiana ao Brasil e seu impacto cultural e social, construindo aqui uma análise histórica do movimento da vida de pessoas. Dentre as relações construídas e suas representações, compreender os símbolos do território para suporte neste movimento e quais ligações entre estes povos existem para fomentar a escolha do destino ao emigrar. O artigo aqui apresentado é embasado no Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, intitulado “Estudo da Emigração Cabo-Verdiana para o Brasil: segunda metade do século XX (1957-1972)”, por meio dessa base, fortaleceu-se no conceito de lugar para a geografia humanística e na análise social do espaço (território), traçando um novo caminho de observação (micro espaço), alicerçado nos dados obtidos pela pesquisa oral.

Palavras-chave: Cabo Verde; Santos; emigração; representação social; território.

Cabo Verde: constituição como “lugar” e processo histórico de 1957-1972.

A República de Cabo Verde é um arquipélago situado no Oceano Atlântico, entre o continente americano e o continente africano, à costa da África Ocidental, composto pelo conjunto de dez ilhas vulcânicas separadas em dois conjuntos: Barlavento - Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus de Branco e Raso; Sotavento - Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus de Secos e Rombo. Como é retratado no site do Governo cabo-verdiano “a 455 Km da Costa Africana, as ilhas de Cabo Verde estendem-se por cerca de 4033 Km² e foram formadas pela acumulação de rochas, resultantes de erupções sobre as plataformas submarinas.”² Além disso, recebe influência tanto dos ventos vindos da direção nordeste como do clima desértico do Saara. Possui clima seco, com temperaturas que

¹ Universidade Católica de Santos – Unisantos gabrielamoncayo14@gmail.com

² Governo de Cabo Verde. Disponível em: <<http://www.governo.cv/index.php/hist%C3%B3ria>>. Acesso em 19 de abril de 2017.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

variam entre 25°C e 30°C. [...] Pelo fato de ter sido povoado por pessoas de diferentes origens, as ilhas de Cabo Verde possuem uma diversidade cultural muito grande: na culinária, nos diferentes sotaques, nas tradições culturais.

[...] O país não tem etnias e a religião predominante é o catolicismo, mas com alguns núcleos protestantes, espíritas e islâmicos. A cultura crioula de Cabo Verde é conhecida no Brasil e em Portugal por suas contribuições para a literatura e a música, com composições melancólicas como as mornas e a “poesia de crioulo”, que são as mais características. Na dança entre os ritmos musicais típicos destacam-se o batuque, o funaná, a morna e a coladeira.³

Neste trecho são apontadas características fundamentais para compreender a relação dos cabo-verdianos com sua terra natal, refletindo diretamente no movimento emigratório, os êxodos por conta das crises climáticas (secas) que diretamente afetam a agricultura e o trabalho. Também se inicia a análise aos aspectos culturais, onde no decorrer deste estudo serão apresentados, conectando os emigrantes que vivem no Brasil à cultura cabo-verdiana.

Os mapas auxiliam no entendimento do espaço geográfico, fato este que amplia as possibilidades para o desenvolvimento do tráfico de africanos escravizados para o mundo Atlântico.⁴

Mapa 1 – Mapa Mundi com seleção de Cabo Verde



³ MOURÃO, Daniele Ellery. **Identidades em transito: África “na pasajen” identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas.** Campinas: Arte escrita, 2009, p. 26.

⁴ Tema desenrolado com mais elementos no próximo subcapítulo “1.1. Origens”.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Fonte: Guia Geográfico Mapas/IBGE.⁵

Mapa 2 – Cabo Verde



Fonte: Dominicanas Tours.⁶

Sua delimitação na história, como território de impacto social e econômico, terá início em 1460, quando o português Antonio de Noli chega ao conjunto de ilhas orientais e meridionais desabitadas. Em 1462, iniciará o povoamento por portugueses na Ilha de Santiago. Com objetivo estratégico, em vista do posicionamento geográfico, as ilhas do arquipélago contribuirão para a navegação e o comércio português, relacionando a Europa, África e Atlântico e a viagem para as Índias Ocidentais.⁷

O século XV apresenta o movimento dos emigrantes portugueses a Cabo Verde, a fim de explorar as riquezas e recursos naturais e o próprio povoamento, construindo desta maneira a sociedade local. Considerar ainda, o papel significativo para o desenvolvimento do tráfico escravista por parte de Portugal.

⁵ Guia Geográfico. Disponível em: <<http://www.guiageo-mapas.com/imagens/mapa-mundi.jpg>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

⁶ Dominicanas Tours. Disponível em: <<http://www.dominicanatours.pt/images/Mapas/CV.jpg>>. Acesso em 19 de abril de 2017.

⁷ HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde.** São Paulo: Summus, 2002.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Mesmo durante o século XVI, quando Portugal dominou o tráfico escravista nos dois lados do continente africano, os grupos nele envolvidos eram muito variados e algumas vezes concorrentes entre si. O principal interesse da Coroa portuguesa era a descoberta e exploração das minas de ouro, de modo que restava aos mercadores e fidalgos, envolvidos nas questões de além-mar, grande margem de possibilidades. Eram esse que, com capital suficiente para aparelhar, manter e abastecer as caravelas, podiam realizar as viagens de longo curso implicadas no comércio luso-africano.

Mas desde o final do século XV, outros grupos de interesse entraram em cena e passaram a ocupar espaço no tráfico escravagista.

O primeiro foi o grupo dos lançados, isto é, dos emigrantes portugueses que se estabeleceram em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e no golfo da Guiné, para explorar as riquezas naturais e povoar as ilhas.⁸

A construção da sociedade no arquipélago tem como base dois grupos étnicos: o senhor branco e o negro escravizado. De início, a entrada dos brancos será, em suma, de homens europeus. Não apenas portugueses, mas também espanhóis e italianos, entre nobres e plebeus, em pequena escala. Com o intuito de desenvolver e estruturar as ilhas (de início poucas ilhas povoadas, Santiago e Fogo), os homens solicitam liberdade e autonomia à Portugal para iniciar o comércio escravagista de pessoas da Guiné. A resposta vem em 1466, quando Portugal outorga a Carta de Privilégios aos Moradores de Santiago, concedendo “pleno exercício da jurisdição cível e criminal, [...] o direito de posse e uso de terras”, bem como o recebimento do “dízimo das produções agrícolas” e a população residente em Santiago tem a vantagem de “*tratar e resgatar* escravos nas costas da Guiné”⁹. Dessa maneira têm-se o cenário para a composição da sociedade em Cabo Verde.

⁸ MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 106-107.

⁹ HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol**: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde. São Paulo: Summus, 2002, p. 24.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Para compreender o período de 1957 a 1972, o qual é a baliza temporal deste estudo, quando os cinco cabo-verdianos entrevistados emigram para o Brasil, se faz necessário contextualizar desde 1917 até a independência de Cabo Verde, que se dará em 5 de julho de 1975. Vale registrar que

o cabo-verdiano emigra como única alternativa possível para modificar uma situação de vida que se apresenta como permanente invariável, subtraindo-lhe qualquer possibilidade de melhorá-la. No entanto, sua inclusão num sistema sociocultural mais amplo acaba contribuindo para que perceba uma série de necessidades para alcançar níveis mais altos de produção e consumo. Esse é, sem dúvida, o valor básico em torno do qual se definem várias outras aspirações, incluindo as que são requisitos para a própria emigração, como é o caso do grau mínimo de escolaridade, em particular tratando-se da que tem os Estados Unidos como destino. Aliás, por volta de 1917, essa questão provoca celeuma entre os intelectuais cabo-verdianos e o governo português, envolvendo críticas que abrangem desde a precariedade do sistema escolar até as características avilantes da própria organização do trabalho. Não surpreende o fato de também se discutir a importância da emigração como canal de circulação de idéias e, por que não dizê-lo, de novos ideais.¹⁰

Fato importante para o curso que tomará a política em Cabo Verde, em contrapartida do colonialismo¹¹, conectado neste aspecto ao processo paralelo em Guiné, é a educação de homens, das duas nações, que se dará nos EUA e na Europa. Como

¹⁰ HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde**. São Paulo: Summus, 2002, p. 126-127.

¹¹ Vale aqui refletir o que Albert Adu Boahen expõe sobre o colonialismo na África “Se bem que o colonialismo tenha sido indubitavelmente um simples capítulo de uma longa história, um episódio ou interlúdio nas múltiplas e diversas experiências dos povos da África, que em parte alguma do continente durou mais de 80 anos, representou, no entanto uma fase de extrema importância do ponto de vista político, econômico e mesmo social. Assinala uma nítida ruptura na história do continente: o desenvolvimento posterior deste e, portanto, de sua história foi e continuará a ser muito influenciado pelo impacto do colonialismo. Seguirá um curso diferente daquele que teria seguido se o interlúdio não tivesse existido. Hoje, a melhor maneira de agir, para os dirigentes africanos, não consiste em apagar o colonialismo, mas sim em conhecer perfeitamente seu impacto, a fim de tentar corrigir-lhe os defeitos e os insucessos.” BOAHEN, Albert Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In: **África sob dominação colonial, 1880-1935** / editor Albert Adu Boahen; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 3. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 7), p. 950.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

apresenta a pesquisadora Leila Leite Hernandez, o canto do poeta Corsino Fortes “[...] toda a partida é alfabeto que nasce/ Todo regresso é Nação que soletra”.¹² Portanto a circulação da população promove as reflexões e reivindicações para seu núcleo social.

Em 1930, pelo Ato colonial, são reconhecidos os usos e costumes usados pelos colonos. Mas os direitos básicos e individuais não se encontram, de maneira prática, na sociedade cabo-verdiana, a dominação política colonial por parte de Portugal se mantém forte, mesmo com o movimento anticolonialista posterior a II Guerra Mundial.¹³

Com isso, o século XX se apresenta de maneira para os intelectuais cabo-verdianos construir uma identidade nacional a fim de combater o posicionamento colonial, mas até 1950, nem os crioulos “condenam a civilização ocidental; antes, combatem o fracasso dos portugueses em implantá-la.”¹⁴ Mas a partir deste ponto, inicia-se uma inversão política, com base na consciência das injustiças vividas como colônia, potencializada com o pan-africanismo¹⁵.

O ano de 1953 é marcado pelo Movimento da Independência Nacional da Guiné (MING), o qual já tem como integrante Amílcar Cabral¹⁶. Mas o que toma o espaço para a luta é o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde), fundado em setembro de 1956, por Amílcar Cabral, Luís Cabral, Aristides Pereira, Fernando Fortes, Júlio de Carvalho e Elesée Turpan. Este grupo volta-se para

¹² HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde**. São Paulo: Summus, 2002, p. 159.

¹³ *Ibidem*, p. 112.

¹⁴ *Ibidem*, p. 125.

¹⁵ Pan-africanismo é o movimento que retoma a África da colonização, onde se têm duas preocupações: constituir uma identidade de destino de um conjunto de povos sobre os quais se abateram as violências institucional e simbólica em diferentes graus de intensidade, exercidas pela burocracia colonial; e a emancipação política. Este movimento surge nas colônias africanas francesas e se espalha por todo o restante do continente. HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 147.

¹⁶ Amílcar Lopes Cabral político, agrônomo e teórico marxista da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, fundamental importância para a independência de Guiné e Cabo Verde. Assassinado em 20 de janeiro de 1973, um dos líderes do PAIGC, não viu a proclamação em ambos territórios.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

a implementação de uma estratégia revolucionária composta por ações conjuntas [...] pela articulação de duas vertentes [...] a unidade e organização essenciais para dominar a tática e a estratégia de uma luta efetiva no território guineense e aos poucos nas ilhas de Cabo Verde. A segunda diz respeito ao apoio de movimentos partidários de âmbito internacional nos continentes africano e europeu.¹⁷

Nesse diálogo sobre a construção dos valores políticos, Joseph Ki-Zerbo elucida que “pelo intermédio da disciplina do marxismo-leninista, Amílcar Cabral [...], igualmente tentou a integração entre os valores do socialismo e do nacionalismo.¹⁸ O processo pela luta contra o colonialismo¹⁹, o reconhecimento da cultura local e sua ruptura com Portugal, é marcado por muitos encontros e conferências diplomáticas, de 1965 a 1975, sendo em 1973 a fase final pela independência de Cabo Verde, ano que soma o impacto da independência de Guiné. O movimento diplomático entre o PAIGC e o governo português continua consumado no Acordo de Argel (26 de agosto de 1973), onde o “governo português reconhece a independência de Guiné-Bissau e reafirma o direito do povo das ilhas de Cabo Verde à autodeterminação e à independência.”²⁰

Dezembro de 1974 é marcado pela constituição de um governo de transição.

Em 04 de julho de 1975 a Assembléia Nacional Popular, pela primeira vez reúne-se (visto que seu objetivo era a formação do governo), e em 5 de julho de 1975 é proclamada a independência de Cabo Verde.²¹

¹⁷ HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde.** São Paulo: Summus, 2002, p. 162

¹⁸ KI - ZERBO, Joseph; MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. Construção da nação e evolução dos valores políticos. In: **África desde 1935** / editor Ali A. Mazrui, editor assistente Christophe Wondji; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 8), p. 582.

¹⁹ “As últimas colônias da África Ocidental a rejeitar o colonialismo foram as colônias portuguesas do Cabo Verde e da Guiné Bissau.” SURET-CANALE, Jean; BOAHEN, Albert Adu. A África ocidental. In: **África desde 1935** / editor Ali A. Mazrui, editor assistente Christophe Wondji; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 8), p. 195.

²⁰ HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde.** São Paulo: Summus, 2002, p. 197.

²¹ *Ibidem.*



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Essa transformação sociopolítica no continente africano, desde o colonialismo até a Segunda Guerra Mundial mostra

como as elites africanas, formadas com base em uma educação ocidental, empregaram estas novas técnicas comunicativas para mobilizar os seus compatriotas, dividir a opinião pública das metrópoles, fortalecer os laços com o conjunto da comunidade internacional, convencendo esta última em respeito ao bom e legítimo fundamento das aspirações da África. O combate continua com o objetivo de melhorar os sistemas políticos, salvaguardar o ecossistema, garantir o desenvolvimento e proteger as crianças africanas. [...] Quiçá, as futuras gerações reconhecerão que o período atual, iniciando em 1935, muito bem preparou o continente áfrico para esta dupla transformação.²²

Cabo Verde hoje é uma república democrática, unilateral e soberana. Existe a preocupação em seu desenvolvimento, assim como suas interações internacionais, um exemplo é o fluxo de cabo-verdianos para formação acadêmica no Brasil, findando regressam para sua pátria com intuito de desenvolver sua vida e sua nação.

Movimento de emigração

“Imigrar: Entrar (num país estranho) para nele viver.”²³

“Emigrar: Deixar um país para ir estabelecer-se em outro.”²⁴

²² MAZRUI, Ali A. O horizonte 2000. In: África desde 1935 / editor Ali A. Mazrui, editor assistente Christophe Wondji; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 8), p. 1130 – 1131.

²³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 374.

²⁴ *Ibidem*, p. 257.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Em outros termos, a migração é o movimento físico de indivíduos dentro e entre sistemas sociais. É importante pelos efeitos que produz sobre áreas que perdem imigrantes através da emigração e áreas que recebem por imigração. A sociologia das migrações dedica-se essencialmente à imigração, os processos de integração e assimilação de uma sociedade estrangeira na sociedade que a recebe.²⁵

Entende-se como movimento imigratório o fluxo de pessoas que adentram em um território nacional, o qual não é a sua origem, portanto parece ser o correto ao abordar a entrada de cabo-verdianos no Brasil, mas é exatamente no olhar esse movimento que podemos diferir. Para apreender temos que olhar a origem desse povo, analisando o movimento do início, de dentro de Cabo Verde para os outros países, por isso os pesquisadores que estudam este tema utilizam o termo emigração, analisando o “deixar” seu país para poder conhecer o caminho até o “entrar num país estranho”.

A emigração em Cabo Verde se dá de forma intensa, várias são as motivações para tal movimento na composição da civilização. Sua definição é complexa, tornando-se intensa e distinta de comparações com movimentos imigratórios de outros países. A emigração cabo-verdiana é, em si, a própria base de desenvolvimento socioeconômico do arquipélago, desde sua origem é o fluxo migratório que a constrói. As motivações são diversas, em alguns momentos se dará: pelas grandes estiagens, secas, que acometem as ilhas; fome, decorrente da falta da produção agrícola, ligada as variações climáticas; pelo trabalho dos homens como marujos, em vista de melhores condições de trabalho; bem como questões políticas que permeiam as revoluções das colônias do império ultramarino e a própria independência. A identidade nacional cabo-verdiana está entrelaçada com a emigração, mesmo que pareça paradoxal, a emigração está relacionada, diretamente, com o processo pelo qual se forma a consciência nacional. Em ambas as suas formas, tanto a *espontânea* como a *forçada*, ficam claras as causas socioeconômicas que as encorajam, ainda

²⁵ OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 466.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

que seja esta última que os leve a perceber com mais nitidez a desigualdade social. Por sua vez, a emigração *espontânea* traz as bases da emancipação social e político-cultural, dando ensejo a um complexo processo de mudanças fundamentais no modo de apreender o mundo, o que se refere à gênese da consciência nacional.²⁶

O Padre Agostinho Vieira relatou, em seu livro 'Ilhas de Cabo-Verde: parcelas do Império', as impressões da viagem como missionário em 1939. Nesses apontamentos, caracteriza a vida da população cabo-verdiana, separando em lavrador e marujo. O lavrador tem uma vida confiante e serena, enquanto o marujo leva uma vivência insatisfeita, precária e inconstante²⁷. Neste relato irá apresentar, de forma indireta, outros "membros", que constituem essa sociedade.

A êstes dois tipos populares, nítidos e típicos, em volta dos quais gira tôda a vida do Mundo, agrupam-se os funcionários públicos, os cavadores, os operários, os industriais, comerciantes e letrados, sem esquecer as primitivas artes ou ofícios da pastoria e da pesca, hoje tão desprezadas, mas que foram sem dúvida as primeiras ocupações do homem sôbre a terra e junto ao mar.²⁸

No relato também prefigura o arquétipo do morador/emigrante, comparando o morador de Cabo Verde a uma criança, como sendo

livres da vigilância dos pais, lá correm as crianças para a praia, construindo docas, pontes, cais, com seixos e calhaus, na foz das ribeiras, metendo a navegar os seus barcos-brinquedos.

Assim se explica a grande ânsia de emigração na população das Ilhas.

²⁶ HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol**: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde. São Paulo: Summus, 2002, p. 126.

²⁷ VIEIRA, Agostinho. **Ilhas de Cabo Verde**: Parcelas do império. Lisboa: 1940.

²⁸ *Ibidem*, p. 11.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O homem isolado numa Ilha é um ser deprimido, um ente que se considera inferiorizado.²⁹

O arquipélago promove o espaço apropriado para o movimento emigratório, somado às circunstâncias de impulsionamento: a formação da sociedade com fundamento no desenvolvimento socioeconômico escravocrata; condições climáticas promove instabilidade econômica; e a baixa oferta de trabalho. Ocorre que o processo de emigração, em si mesmo, a origem e a formação da sociedade cabo-verdiana, têm diversos destinos a partir do final do século XVIII, inicialmente E.U.A., seguido de Brasil, Argentina, Senegal, S. Tomé e Príncipe, Angola, por fim países da Europa, como Portugal, Itália, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, França, Alemanha e Espanha. Um aspecto, proveniente desse fluxo, que impacta diretamente a cultura e economia de Cabo Verde, é a ação do emigrante, trabalhador em outros países, envia dinheiro (conquistado com seu trabalho), o qual será investido em terras, habitações, entre outras melhorias na vida da família que ficou. Mas não será apenas o dinheiro a influenciar a vida no arquipélago, os costumes culturais do país onde se encontra o emigrante serão repassados ao seu grupo de contato social.³⁰ Como já vimos anteriormente, a educação no exterior é um ponto decisivo para a consciência cultural e reivindicação da independência de Portugal, mostra o quanto a emigração construiu e transformou a nação de Cabo Verde.

Contudo, os contatos com o exterior acentuaram-se nos finais do século XVIII, com a saída dos emigrantes cabo-verdianos. [...] Registre-se que a Europa não constituía um destino tradicional dos emigrantes cabo-verdianos, mas devido às devastações da II Grande Guerra que deixaram alguns países europeus bastantes depauperados de braços para a reconstrução findas as hostilidades, alteraram-se os rumos das correntes anteriores tentando colmatar esse espaço.³¹

²⁹ *Ibidem*, p. 09.

³⁰ LOPES FILHO, João. Mestiçagem, emigração e mudança em Cabo Verde. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, S. Paulo, 29-30: 129-140, 2008/2009/2010.

³¹ *Ibidem*, p. 135.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O estudo aqui proposto é alicerçado no conhecimento de quanto uma cultura pode se alinhar e interferir em outra, a partir do momento que descobrimos as motivações do movimento emigratório. Momento que pessoas cruzam histórias da massa, mas também que trocam e refletem por onde passam, nos outros grupos sociais.

A base teórica da História Cultural compreende as questões envoltas da política, cultura e espaço que o emigrante carrega em seu movimento. Buscando relação entres os estudos de Geertz, onde “considera como cultura os significados criados pelos diferentes grupos sociais a respeito das diversas esferas da vida”³² e Chartier ao apontar que

a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real.³³

Neste ponto traçamos a ligação com o “lugar”, por meio do estudo de Holzer, que aponta que o conteúdo dos lugares é equivalente ao do mundo, sendo construídos pela “consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros”³⁴, resultando nos “campos de preocupação”.³⁵ Em paralelo o entendimento de Tuan que aponta

o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substâncias do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto ‘especial’ que tem história e significado. O lugar

³² PAULO, Filipe (2017). Política, cultura e espaço. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n. ° 12 (dezembro). p. 282.

³³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 16-17.

³⁴ HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanística. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 70, jul./dez. 1999.

³⁵ Termo por Yi-Fu TUAN.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.³⁶

As vivências, intensões, experiências e emoções humanas constroem o conjunto complexo de símbolos, significados, somado ao forte elemento de comunicação que é o “lugar” espacial, pequenos mundos e realidades. “O lar, como provedor primário de significados; a cidade, como centro de significados por excelência; os bairros e as regiões; O Estado-Nação.”³⁷ Dentre esses lugares de memória, o Estado-Nação é o mais caro para o estudo da História da África, considerando o Pan-africanismo, bem como para esse estudo, o processo de independência de Cabo Verde.

Pesquisa oral

As entrevistas desenvolvidas com cinco cabo-verdianos residentes em Santos, composta por oito questões semiestruturadas³⁸:

1. Como era a vida em Cabo Verde?
2. Qual foi o motivo de sua saída de Cabo Verde?
3. Por que escolheu o Brasil como destino de vida?
4. Por onde passou como as pessoas lhe trataram?
5. Qual foi sua impressão da cultura brasileira?
6. Como construiu sua vida em Santos? Com o que trabalha? Onde morou/mora? Estudou aqui no Brasil? Sua família no Brasil foi construída com outros emigrantes cabo-verdianos (as), ou com brasileiros (as) (casamento)?
7. Mantêm relações com sua família e amigos em Cabo Verde?
8. Você se considera cabo-verdiano, brasileiro ou santista?

³⁶ TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: Gale, S.; Olsson, G. (eds.) **Philosophy in Geography**. Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387.

³⁷ HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanística. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 74, jul./dez. 1999.

³⁸ As entrevistas estão compiladas e organizadas na pesquisa de TCC que foi referida no resumo deste artigo. São utilizadas as informações coletadas como fontes de pesquisa e estão a disposição para análise e estudo.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A História Oral é compreendida como parte essencial para alcançar o entendimento da representação social.

As entrevistas de história oral permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretaram acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.³⁹

Cinco entrevistados, duas mulheres e três homens. As idades variam de 58 a 81 anos, tendo as idades de 03 a 29 anos quando emigraram para o Brasil. Todos os entrevistados são de Barlavento, dois da Ilha de São Vicente e três da Ilha de São Nicolau. As duas mulheres casaram por procuração (elas em Cabo Verde e seus companheiros já no Brasil), emigradas com carta de chamado. O entrevistado que emigrou com três anos de idade veio com carta de chamado da mãe que já estava morando no Brasil.

A primeira categoria de análise é conhecer o contexto da vida em Cabo Verde para o emigrante. De uma maneira geral, o aspecto de falta de estrutura para o trabalho faz com que a vida não seja confortável para viverem, gera a necessidade de buscar outros lugares para viver.

Há tempo eu (pausa) fiquei em Cabo Verde até menor idade, quando eu tinha dezessete aninhos para dezoito, eu estava sem os pais... então resolvi... sem emprego, embarquei para a África, fui para São Tomé e Príncipe, onde vivi três anos, após o retorno - tive problemas com o governo -, embarquei para esse país que é o Brasil, onde vivo há quase sessenta anos. [...] quando era novinho não tive oportunidade, era órfão dos pais, era um revoltado com a vida, queria viver e o

³⁹ DE SORDI, N. A. D; AXT, G; FONSECA, P. R. P. Manual de procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal. Brasília: Conselho da Justiça Federal, 2007, p. 7.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

governo não dava oportunidade, não dava emprego e não deixava sobreviver da forma como eu queria, eu comprava as coisas para viver, eles tomavam tudo.⁴⁰

Vida considerada instável e que pouco poderia ser planejada ou almejando um futuro mais confortável.

A vida em Cabo Verde era um pouco instável, por falta de empregos, como aconteceu na colônia (na época era colônia portuguesa), como acontecia em Portugal, por falta de trabalho as pessoas emigrando, aconteceu à mesma coisa em Cabo Verde. Eu, por exemplo, tinha trabalho, me formei lá em artes gráficas, mas queria conseguir algo maior na vida, ai resolvi emigrar, eu já tenho uma irmã aqui, então dai o porque de migrar para o Brasil, isso em outubro em 1960. Me dei bem, cheguei aqui, consegui trabalho logo e estou aqui até hoje, satisfeito, progredimos na vida, talvez/possivelmente melhor aqui do que seria em Cabo Verde, apesar de a gente amar nossa terra.⁴¹

As duas entrevistadas não demonstraram aspectos negativos para com a vida em Cabo Verde. O entrevistado que emigrou para o Brasil com três anos não recordava do que viveu lá, mas falou sobre a constituição dos afazeres para as crianças cabo-verdianas.

Bom, eu imigrei para o Brasil com três anos, portanto eu vivi em Cabo Verde apenas três anos, de qualquer forma eu sei que com três anos, as crianças lá em Cabo Verde, já iam ajudar na pastoreio dos animais, carregar palha para estes mesmos animais, então com três anos você já vai ajudar a carregar palha para os animais, depois, um pouquinho mais velho, você já carrega lenha, naquela altura, para cozinha e depois ia para a horta, mas nessa idade em que eu vim ainda estava na idade de brincar e

⁴⁰ 1ª Entrevista, emigrante E1.

⁴¹ 2ª Entrevista, emigrante E2.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

talvez eu nem cheguei a carregar palha na cabeça como as crianças de três anos lá em Cabo Verde.⁴²

O segundo ponto na análise é o motivo que resultou na emigração ao Brasil, aspecto ligado aos apontamentos da primeira categoria, onde não demonstraram uma estrutura para construírem suas vidas.

O cabo-verdiano já cresce com essa intenção de migrar, porque o país na época era colônia e não oferecia condições, eu, por exemplo, tinha emprego, eu tinha um pai, que apesar de tudo era influente, eu consegui uma profissão boa, até certo tempo foi uma profissão boa, vivia razoavelmente bem. Resolvi viajar para conseguir algo maior e cheguei aqui fui trabalhar no mesmo ramo.⁴³

Interessante ressaltar como se dá a emigração das duas entrevistadas e do entrevistado que emigrou com três anos. Os três emigraram por carta de chamado, onde alguém que já estava no Brasil (maridos e a mãe) chama o outro para estar com ele no outro país. Portanto, é válido compreender que a família cabo-verdiana ultrapassa as fronteiras físicas, a emigração não é um fator para desunir ou quebrar estes laços.

A escolha do Brasil é o terceiro tópico de estudo. Os motivos principais que favorecem a saída de seu país natal é a língua, já que ambos os países foram colônias portuguesas, e a língua oficial destes países é o português. Outro ponto é ter alguém já emigrado para o Brasil, demonstra que para ir a uma terra nova, mas com pessoas conhecidas, é algo que encoraja a buscar novos rumos. “Para trabalho, ele tinha um irmão aqui, Maria do Carmo, sobrinha, Manoel que era sobrinho. A gente tem que chegar ao lugar e ter quem nós receber.”⁴⁴

⁴² 4ª Entrevista, emigrante E4.

⁴³ 2ª Entrevista, emigrante E2.

⁴⁴ 5ª Entrevista, emigrante E5.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Sim, e como Cabo Verde não oferecia tantas perspectivas de futuro, imigramos pro Brasil. O Brasil sempre ofereceu muita coisa para os cabo-verdianos, principalmente porque nós aqui não enfrentamos nenhuma espécie de preconceito, nem de xenofobia, éramos muitos parecidos no comportamento, naquela alegria, naquela coisa de gostar de festa e também havia a questão da facilidade da língua com o português, em português nós entendemos.⁴⁵

A parte da escolha do Brasil está ligada a impressão que tiveram da cultura brasileira. Expõem que o Brasil e Cabo Verde são parecidos culturalmente, e Santos, especificamente, muito parecida fisicamente (clima, território e população) com as ilhas de origem, o que contribuiu para a permanência e constituição de suas vidas. “Quando eu cheguei a Santos foi maravilhoso, **Santos era tipo o nosso lugar ali, Cabo Verde.**”⁴⁶

Na verdade é que eu vim com poucas referências de Cabo Verde e eu me desenvolvi a partir dos três anos dentro da cultura brasileira, então eu assimilei aquela cultura como minha, minha cultura, dos três aos dezesseis anos era a brasileira. [...] Santos culturalmente aceita muito o estrangeiro, exatamente por viver essas situações de porto e de muitos estrangeiros transitando pela cidade, então não tivemos problemas nenhum.⁴⁷

Senti em casa, a mesma língua, o mesmo povo praticamente e a convivência/adaptação foi muito grande, eu vim pra ir para São Paulo, para trabalhar em São Paulo, vim já com emprego, mas nós somos de uma... a Ilha São Vicente, é apenas uma ilha pequena, com ar puro, naquele tempo São Paulo tinha muita poluição, me sentia com dor de cabeça, achei que não devia ficar em São Paulo e retornei para Santos, que eu vim direto para Santos. [...] praticamente não existe diferença entre cabo-verdiano e brasileiro, convivência, tudo... língua, não senti

⁴⁵ 3ª Entrevista, emigrante E3.

⁴⁶ 3ª Entrevista, emigrante E3. (grifo da autora)

⁴⁷ 4ª Entrevista, emigrante E4.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

diferença nenhuma, me senti em casa, porque cabo-verdiano é um povo misto que nem o Brasil, foi maravilhoso, nada do que reclamar.⁴⁸

A quinta categoria de análise é como construíram a vida em Santos. Todos relataram sobre a família, filhos, educação dos filhos e trabalho. Os cinco entrevistados demonstraram muita felicidade em como a vida seguiu em Santos, muitos falaram “não tenho o que reclamar”, o que remete a uma gratidão com o que se apresentou no ponto de chegada de suas jornadas como emigrantes.

Não, comecei de aluguel, depois compramos um apartamento, pagamos, partimos para outro apartamento melhor, pagamos, e finalmente compramos esse aqui, em oitenta e seis compramos esse apartamento na construção, desde oitenta e seis ficou pronto em noventa e três, de lá pra cá sempre moramos aqui.⁴⁹

O próximo tópico de análise é como se dá a relação com os parentes, amigos, que estão em Cabo Verde, ou que emigraram para outros países. O elo familiar é mantido com muito zelo, pela frequência de ligações – diárias – e contato pelas redes sociais e viagens. A Associação de Cabo-verdianos no Brasil, juntamente com o núcleo de emigrantes na Argentina, realizam bianualmente uma viagem dos emigrantes na América do Sul para Cabo Verde.

Eu vou a Cabo Verde ano sim, ano não, até porque meu pai ainda vive lá, meu pai com oitenta e três anos é uma pessoa muito ativa ainda, está na atividade de pastoreio e de cultivar e eu tenho lá oito irmãos. No total, por parte de pai são doze, desses doze, oito ainda estão em Cabo Verde, os outros estão em Portugal, Espanha e França, então isso me faz com que eu esteja muito presente em Cabo Verde, sempre porque tenho muitos parentes vivendo em Cabo Verde e tenho uma relação ainda muito próxima com tudo que se refere a Cabo Verde.⁵⁰

⁴⁸ 2ª Entrevista, emigrante E2.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ 4ª Entrevista, emigrante E4.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Por fim, a pesquisa visa apreender qual sentimento nacional carregam, consideram-se cabo-verdianos, brasileiros ou santistas⁵¹? As entrevistas, de um modo geral, foram carregadas de muita emoção ao falar da terra natal e de como a vida se desenrolou em Santos, mas na parte final, as respostas foram emocionantes de se escutar, a forma como eles exemplificam o valor além da nacionalidade, o que remete a Benedict Anderson, em “Nação e consciência nacional”, o qual conceitua nação como “uma comunidade política imaginada”⁵², somando ainda ao composto ser limitada e soberana. Não se aplica nestes emigrantes os aspectos de limitada e soberana, eles reconhecem o elo e o valor a sua nação primária, mas se abrem para além-fronteiras, a comunidade deles se mantém a Cabo Verde, mas se funde ao Brasil, numa ligação fraterna, mesmo com as diferenças, sendo rica para a cultura e para o desenvolvimento social.⁵³

Eu sou um santista de coração, vivi aqui em Santos ((choro de emoção)), criei meus filhos, sou santista nato mesmo, não tem outra coisa, cabo-verdiano foi só uma passagem na juventude [...] vivo feliz nesse país quase sessenta anos, o qual faria quantas vezes possível.⁵⁴

Eu acho que é igual, Cabo Verde e Brasil é igual, não tem diferença.⁵⁵

Eu fico meio a meio, porque já vim com dezoito, com dezenove já praticamente, estou com 74 anos, já me considero santista/brasileira (risos), mas amo minha terra, sempre que podemos vamos lá, passeio, vou a Portugal também, porque a família também está metade lá, sempre que a gente pode a gente vai passear um pouco.⁵⁶

⁵¹ Não considerando que Santos é uma nação à parte do Brasil, mas caso o emigrante não sentisse como brasileiro, mas um elo maior com Santos.

⁵² ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 25.

⁵³ *Ibidem*, p. 26-27

⁵⁴ 1ª Entrevista, emigrante E1.

⁵⁵ 2ª Entrevista, emigrante E2.

⁵⁶ 3ª Entrevista, emigrante E3.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Eu diria [...] que essas coisas assim não se dividem, eu não consigo dividir isso, eu tenho um pouco de cada dentro de mim, é como se assim, a minha alma fosse cabo-verdiana, a minha cabeça fosse brasileira, santista sim, santista porque eu cresci e adoro essa cidade adoro Santos, então tem um pouco de cada uma dessas contribuições dentro de mim, não consigo dividir, eu me sinto cabo-verdiano, me sinto brasileiro e me sinto santista.⁵⁷

Os três, cabo-verdiana, brasileira, santista [...] aqui eu vou ficar, se Deus quiser, eu gosto da minha terra, mas prefiro, eu vô ficar aqui, tenho muita saudade das minhas irmãs, mas eu vou ficar aqui.⁵⁸

As entrevistas trouxeram um rico entendimento do que é ser uma pessoa fora da sua nação, mas mais do que isso, ser aberta à assimilação das culturas, trazendo a sua e vivendo junto à outra.

CONCLUSÃO

A relação do ser humano com o lugar de origem mostra significados valiosos para cada indivíduo, remetendo a felicidade, emoções variadas e lembranças que constroem a memória tanto da pessoa como do lugar. Porém, quem é o emigrante da diáspora africana? Dentro do pequeno grupo estudado, conseguimos traçar o perfil de pessoas com ligações fortes com sua origem, mas que em determinado momento reconheceram uma necessidade de alcançar o que almejavam. O cabo-verdiano anseia por possibilidades de vida e de prosperidade, tem em seu sangue a própria definição de emigração, como meio intrínseco em sua constituição social.

Arquipélago que por muitas vezes foi assolado com a seca, afetando diretamente a agricultura, o trabalho e as possibilidades em manter a vida.

⁵⁷ 4ª Entrevista, emigrante E4.

⁵⁸ 5ª Entrevista, emigrante E5.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O fator predominante nestes emigrantes entrevistados, para a emigração, é oportunidade de trabalho, visando à construção da vida e da família de maneira confortável.

A escolha do Brasil por muito, está ligada a conexões culturais, reconhecidas desde o início do século XX, por conta de ter sido colônia portuguesa, igualmente a Cabo Verde, onde a mesma língua propiciou uma adaptação branda, somada a semelhança cultural e climática que a cidade de Santos promove.

Conhecer o que um povo carrega ao procurar novas possibilidades de vida, é reconhecer nele sua humanidade, seus direitos e sua liberdade.

Por meio da inspiração que a arte proporciona uma intervenção e um momento de reflexão sobre o indivíduo e o lugar:

Minha casa não tem parede, não tem janela, nem tem porta pra trancar

Amigo que é amigo sabe que sempre será a hora de entrar

A minha vó me disse que casas terei mil mas só terei um lar

O lar não é onde nasceu/cresceu mas onde as cinzas enterrar

Essa casa é passageira como o meu corpo e quando não a quiser mais

Minha vida estará na minha mochila e o meu corpo se desfaz⁵⁹

O trecho da música “Minha casa”, retrata aspectos sentimentais e um tanto “abstratos” na vida/existência de pessoas sem “apego” ou sem condições de ter um lar fixo. Mas demonstra uma realidade de muitos emigrantes pelo mundo. Quando escravizaram pessoas na África, acreditavam que sua cultura, história, origem e vida seriam esquecidas ao dar voltas na Árvore do Esquecimento.⁶⁰ A construção social das pessoas transpõe fronteiras ou adversidades em sua pátria.

Acreditar na humanidade, na sua história e no seu futuro, é acreditar em mais apoio ao próximo, na educação e na valorização das culturas. Bloch testemunhou e fez parte

⁵⁹ HOMBRE, Francisco, el. Minha casa. In: HOMBRE, Francisco, el. **La Pachanga**. Francisco, el Hombre, 2015. Faixa 4. EP. (grifo da autora).

⁶⁰ Árvore na região de Uidá, no Benim, plantada pelo rei Agdajá, em 1727. Era dada nove voltas em torno da árvore pelos homens e sete pelas mulheres.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

da revolução nos estudos históricos, e presencialmente (resistência francesa), na Segunda Guerra Mundial, onde foi preso e fuzilado por militares alemães/nazistas.

Ninguém, imagino, ousaria mais dizer hoje em dia, como os positivistas de estrita observância, que o valor de uma investigação se mede, em tudo e para tudo, por sua aptidão a servir à ação. A experiência não apenas nos ensinou que é impossível decidir previamente se as especulações aparentemente as mais desinteressadas não se revelarão, um dia, espantosamente úteis à prática. Seria infligir à humanidade uma estranha mutilação recusar-lhe o direito de buscar, fora de qualquer preocupação de bem-estar, o apaziguamento de suas fomes intelectuais. À história, mesmo que fosse eternamente indiferente ao *homo faber* ou *politicus*, bastaria se reconhecida como necessária ao pleno desabrochar do *homo sapiens*.⁶¹

Essa África faz parte da construção do Brasil, parte de nossos antepassados. Esses povos existem e abrigam uma história e cultura vastas e importantes. Portanto, nada melhor do que conhecer a “África que está perto”, reconhecendo nestas pessoas suas histórias e seus valores.

Aqui se disserta sobre cabo-verdianos que escolheram o Brasil para viver. Mas acima de tudo, seres humanos! O emigrante faz parte da cultura do país que o abriga, fazendo-se um cidadão ativo e modificando a cultura. O Brasil apresenta essa característica marcante, abrigando muitas nacionalidades, que no seu todo, constroem a sociedade brasileira.

Para constituirmos uma sociedade mais justa e respeitosa com o próximo, é necessário o conhecimento. A ignorância que fortalece a intolerância e o ódio, não conhece a luz do educar, do conhecer, e é conhecendo a nós e ao próximo que

⁶¹ BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Prefácio Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 44-45.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

poderemos juntos, sem distinções, sem restrições, construir e viver em um país melhor, mais sadio intelectualmente e em suas ações socioculturais.

O desejo é que nossas pesquisas tomem força contra movimentos fascistas que em pleno século XXI tomam força pela voz da maioria da população brasileira. Não ao retrocesso. Viva a pesquisa, viva a população afro-brasileira!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 15-63.

BALANDIER, George. A noção de situação colonial. In: **Cadernos de Campos**: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia USP. São Paulo, nº3. 1993.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Prefácio Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOAHEN, Albert Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In: **África sob dominação colonial, 1880-1935** / editor Albert Adu Boahen; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 3. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 7), p. 919 – 950.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

CARREIRA, Antônio. **Migrações na ilha de Cabo Verde**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1977.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 11-61.

CARVALHO, Sheldon Augusto Soares de. Crioulização africana e africanização crioula: um debate em perspectiva. **Observatório Quilombola**, 2013, p. 7-8.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

DE SORDI, N. A. D; AXT, G; FONSECA, P. R. P. **Manual de procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal. Brasília: Conselho da Justiça Federal, 2007.**

DIOP, Majhemout. A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português. In: **África desde 1935** / editor Ali A. Mazrui, editor assistente Christophe Wondji; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília:

UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 8), p. 67 – 88.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 257; 374.

FERNANDES, Gabriel. **A diluição da África: Uma interpretação da saga indenitária cabo-verdiana no panorama político (pós) colonial.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

FRANCO, Paulo F. C. **Amílcar Cabral: a palavra falada e a palavra vivida.** 2009. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 2009. p. 114 - 118.

GRASSI, Marzia. Cabo Verde pelo Mundo: o género na diáspora cabo-verdiana. In:

GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda. **Género e migrações cabo-verdianas.** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007, p. 23 – 61.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2008

_____. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-Nação em Cabo Verde.** São Paulo: Summus, 2002.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanística. **Revista Território.** Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez. 1999

_____. O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia** – Ano V – Nº 10 – p. 113-123, 2003.

KI - ZERBO, Joseph; MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. Construção da nação e evolução dos valores políticos. In: **África desde 1935** / editor Ali A. Mazrui, editor assistente Christophe Wondji; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 8), p. 565 – 602.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

LOPES FILHO, João. Mestiçagem, emigração e mudança em Cabo Verde. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, S. Paulo, 29-30: 129-140, 2008/2009/2010.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCOS, Eidson Miguel da Silva; BEZERRA, Rosilda Alves. Conexões Brasil/Cabo Verde: literaturas, culturas e identidades em diálogos. **Anais do SILIAFRO**. Volume, Número 1. EDUFU, 2012.

MAZRUI, Ali A. O horizonte 2000. In: **África desde 1935** / editor Ali A. Mazrui, editor assistente Christophe Wondji; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 8), p. 1095 – 1131.

MENDES, Maria do Carmo Cardoso. Exílio e diáspora em Cabo Verde. **Diacrítica** [online]. 2015, vol. 29, n. 2, p. 167 – 184.

MOURÃO, Daniele Ellery. **Identidades em transito: África “na pasajen”** identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas. Campinas: Arte escrita, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações**. São Paulo: Editora Global, 2009.

_____; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje..** São Paulo: Global; Ação Educativa, 2006. – (Coleção Para Entender).

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 466.

PAULO, Filipe (2017). Política, cultura e espaço. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n. 12 (dezembro). P. 281-293, dx.doi.org/10.17127/got/2017.12.012

SURET-CANALE, Jean; BOAHEN, Albert Adu. A África ocidental. In: **África desde 1935** / editor Ali A. Mazrui, editor assistente Christophe Wondji; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. - 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. – (Coleção história geral da África; vol. 8), p. 191 – 227.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: Gale, S.; Olsson, G. (eds.) **Philosophy in Geography**. Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387-427.

VIEIRA, Agostinho. **Ilhas de Cabo Verde: Parcelas do império**. Lisboa: 1940.

IBGE. Censo 2010.

HOMBRE, Francisco, el. Minha casa. In: HOMBRE, Francisco, el. **La Pachanga**. Francisco, el Hombre, 2015. Faixa 4. EP.

GOVERNO DE CABO VERDE. Disponível em:

<<http://www.governo.cv/index.php/hist%C3%B3ria>>. Acesso em 19 de abril de 2017.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

GUIA GEOGRÁFICO. Disponível em:<<http://www.guiageo-mapas.com/imagens/mapa-mundi.jpg>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

DOMINICANAS TOURS. Disponível em:<<http://www.dominicanatours.pt/images/Mapas/CV.jpg>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.